

## A AUTOESTIMA DA CRIANÇA NEGRA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Samia Paula dos Santos Silva (1); Jarles Lopes de Medeiros (2); Jair Delfino (3); Emanuela Ferreira Matias (4); Rosa Maria Barros Ribeiro (5)

(1) *Universidade Federal do Ceará, samiapaula86@gmail.com*; (2) *Universidade Federal do Ceará, jarlles@hotmail.com*; (3) *Universidade Federal do Ceará, jair.delfino@gmail.com*; (4) *Universidade Estadual do Ceará, manumatias26@yahoo.com.br*; (5) *Universidade Estadual do Ceará, rosabribeiro@yahoo.com.br*

### RESUMO

O trabalho tem como objeto uma análise das dificuldades enfrentadas pelas crianças negras no ambiente escolar, bem como suas implicações no desenvolvimento da autoestima. Esse processo perpassa inúmeras discussões, dentre elas a formação da identidade positiva e consciência crítica, que lhe permitam confiança para se desenvolverem enquanto sujeitos sociais, o que acaba por refletir em no desenvolvimento cognitivo. Para tanto, discutimos a função e a influência da escola no processo de formação dos alunos negros, considerando os efeitos psicológicos da violência sofrida por eles e, conseqüentemente, sua autonegação. Realizamos uma pesquisa bibliográfica, com levantamentos teóricos que versam sobre as relações da pessoa negra na sociedade. Para tanto, tomamos como referencia os estudos de autores como Antunes (2004), Oliveira (2006), Galvão (2002), Wallon(2007) e Cunha (2008). Em síntese, a educação escolar tem importância e influência para a formação da personalidade da criança negra, uma vez que é por meio das relações que se estabelecem no processo educativo que ela constrói a sua autoimagem.

**Palavras-chave:** Criança Negra, Autoestima, Escola.

### INTRODUÇÃO

O ser humano possui em seu interior diversas capacidades que são essenciais para o seu desenvolvimento social, dentre elas a motivação, a determinação e a empatia. Essas habilidades, porém, precisam ser estimuladas na criança pelas pessoas mais próximas, como a família e a escola. Para tais habilidades aflorem de maneira mais consistente, é importante que se crie um ambiente positivo e propício para a aprendizagem.

A autoestima é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento humano, na construção de suas características e de sua personalidade. O seu não desenvolvimento poderá ocasionar problemas que dificultarão suas relações consigo e com a sociedade.

A baixa autoestima é um dos principais fatores da dificuldade de interação da criança com o meio escolar, uma vez que se considera inferiores aos seus pares. Outra consequência dessa dificuldade de interação por parte da criança também pode ser observada no seu desenvolvimento social e nas relações escolares.

Este trabalho tem como objetivo principal discutir as implicações da baixa autoestima da criança negra no seu processo de ensino e aprendizagem. A escola, como parte da sociedade, reflete os conflitos e os preconceitos existentes no meio social, portanto, acaba por reproduzir tais princípios nas relações entre professor e aluno, bem como entre os pares. Suscitar o debate nos círculos educacionais é fundamental para possamos contribuir para as discussões em prol do respeito à diversidade.

O interesse em desenvolver o tema é fruto de pesquisas anteriores e em desenvolvimento. Atualmente, participamos do Grupo de Pesquisa Ética, Educação e Formação Humana, na Universidade Estadual do Ceará, onde desenvolvemos o Projeto de Pesquisa intitulado Ética, Diversidade Étnico-racial e Currículo. As discussões visam colaborar com a formação docente dos alunos do Curso de Pedagogia da referida instituição.

## **METODOLOGIA**

Utilizamos como aporte metodológico a pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, em que foi possível realizar uma investigação dos aspectos teóricos e culturais da realidade social e educacional brasileira. Como referencial teórico para realização desse projeto, utilizamos autores como Antunes (2004), Galvão (2002), Gomes e Cunha Júnior (2008), Oliveira (2006) e Wallon (2007). De acordo com Minayo (2012, p.21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Buscamos construir uma base teórica sólida, com o objetivo de fundamentar e contextualizar a história e a realidade educacional brasileira, com enfoque sobre as implicações da baixa autoestima no processo de ensino e aprendizagem da criança negra.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos principais indícios da baixa autoestima é identificado a partir do distanciamento social apresentado pelo indivíduo. Esse afastamento acontece pela desvalorização de si, pois ele passa a se considerar inferior e menos capaz do que as outras pessoas que o cercam.

A desvalorização de si perante os outros bloqueia as ações, dificultando a transmissão de sentimentos e opiniões. Esse bloqueio acontece por medo, pois o receio da reprovação impede que a pessoa se expresse. O medo excessivo do erro é uma característica acentuada da baixa autoestima, uma vez que há insegurança e um não reconhecimento do seu potencial, bem como o medo do julgamento social. Tais julgamentos são expressões por meio de rótulos que impedem ou dificultam a construção da personalidade, como relata Antunes (2004, p. 20):

Todo rótulo, mesmo os positivos, deseducam na medida em que expressam uma caricatura da realidade. Dessa forma, é importante que construam sua auto-imagem a partir de suas ações e as percebam dinâmicas e em permanente processo de mudança.

Outro fator relacionado à baixa autoestima é quando a criança possui um acúmulo de dúvidas sobre os conteúdos escolares, retardando assim o seu desenvolvimento cognitivo. Na sala de aula, a criança que tem uma baixa autoestima evita a exposição, assim como a relação com os colegas e os professores. Esse posicionamento do aluno de não interação no ambiente escolar contribui para que ele não passe com qualidade por algumas fases de seu desenvolvimento. Dessa forma, no momento em que surgem as dúvidas, que são inerentes às fases de desenvolvimento da criança e fundamentais na construção do saber, a curiosidade é oprimida pelo medo do possível fracasso e dos rótulos que poderão ser atribuídos a ela pela comunidade escolar.

Algumas características são marcantes nas crianças que tem baixa autoestima, tais como: andam com os ombros caídos, evitam o contato social, não se socializam nas atividades recreativas, não participam ativamente das atividades escolares e costumam se manter isoladas dos demais colegas de escola, como relata Oliveira (2006,p.78)

[...] uma pessoa com dificuldades emocionais pode apresentar, por exemplo, olhos semicerrados, isto é, para evitar olhar nos olhos dos interlocutores quando se sente ameaçada e outras mensagens como lábios muito contraídos, tronco curvo, diminuição da qualidade do gesto, movimentos inseguros, grande tensão muscular que se verifica no pescoço, nas mãos e nas posturas rígidas

As relações familiares têm influência direta na baixa autoestima infantil. Pais que valorizam em excesso os defeitos e as dificuldades dos filhos em detrimento de suas qualidades efetivam o medo e a insegurança nas crianças, fazendo com que elas vivam em constante pressão emocional.

Por outro lado, pais super protetores também prejudicam o desenvolvimento da autoconfiança das crianças, pois acabam realizando todas as atividades que poderiam ser feitas por elas, por acreditarem que não têm capacidade para realizá-las. Esse tipo de posicionamento contribui para que as crianças se acostumem a esperar pelo adulto tiverem alguma atividade para desenvolver. A confiança em realizar a tarefa sozinha não existirá, prejudicando o desenvolvimento da sua personalidade que precisa de autonomia para que consiga se desenvolver.

Durante o processo de formação da personalidade o sujeito se confunde com o seu meio social e com as pessoas mais próximas, a diferenciação do que é o eu e do que será o outro só se dará com o tempo e o amadurecimento, a partir das relações que estabelece no seu meio social, no momento em que a personalidade começa a se definir. Nesse momento, a criança compreende melhor algumas de suas características.

Ela tem o adulto como imagem a ser reproduzida, por isso observamos que as ações dos adultos que estão em contato direto com as crianças influenciam na formação da personalidade e características, como analisa Wallon (2007, p.144)

Em suas imitações espontâneas, a criança não tem uma imagem abstrata ou objetiva do modelo. Longe de conseguir se opor, começa unindo-se a ele numa espécie de intuição mimética. Só imita as pessoas por quem se sente profundamente atraída ou as ações que a cativaram. Na raiz de suas imitações, há amor, admiração e também rivalidade.

A reprodução da imagem do outro pela criança não acontecerá de forma instantânea, uma vez que, dependendo a situação, pode levar horas, dias ou semanas para amadurecer e ser gerada apropriadamente. Por isso, uma postura abusiva do adulto pode prejudicar a autoestima e a formação de sua personalidade, influenciando no desenvolvimento cognitivo e na sua relação social e afetiva. Nesse sentido, o professor tem papel fundamental no desenvolvimento do aluno, pois é um dos adultos que mais tem contato com ele, sendo, logo depois da família, a principal referência para ela se espelhar.

No momento em que está na escola a criança precisa se sentir segura e protegida pelos responsáveis, para que desenvolva confiança, transmita suas emoções e se sinta livre para se posicionar perante às atividades. Quando o inverso acontece, ela perde a segurança e a confiança no professor, evitando exposição, não participando ativamente das aulas, falando pouco e brincando menos com os colegas.

As atitudes praticadas por professores poderão ser responsáveis por essa falta de confiança que as crianças desenvolvem, tais como: direcionar perguntas à criança e exigir uma resposta padrão; enfatizar os seus erros ao invés de valorizar suas qualidades; colocá-las de alguma maneira

expostas aos colegas. Esse posicionamento poderá lhes causar dificuldade de formar seu autoconceito, além de propiciar uma negativa em sua autoestima.

É necessário que o professor realize a docência de modo consciente para que não atrapalhe o desenvolvimento do aluno. O cuidado na escolha de algumas atividades e o direcionamento adequado das metodologias contribui para que o aluno desenvolva segurança e interaja com mais frequência no meio escolar. Algumas delas envolvem jogos e brincadeiras coletivas que fazem a criança se sentir parte do grupo escolar e não se sinta excluída.

Os trabalhos que utilizam jogos para o desenvolvimento da autoestima precisam de uma série de cuidados para que se obtenha o resultado desejado. O respeito à faixa etária das crianças é um dos cuidados mais importantes para alcançar o sucesso na atividade proposta, uma vez que em cada fase do desenvolvimento a criança apresenta limitações que também podem ser observadas dentro da própria faixa etária, já que o desenvolvimento cognitivo é individual, ou seja, cada criança se desenvolve de acordo com seu ritmo, suas necessidades e suas interações.

Para o desenvolvimento da prática educativa sem limitações é necessário que exista confiança na relação entre professor e aluno. Para conquistar a confiança da criança e permitir que ela se sinta segura, é essencial que o professor adote uma postura que possibilite sua aproximação, como observa Antunes, (2004, p.50):

Quanto ao professor, é essencial que sinta-se motivado e sempre disposto a ouvir opiniões e que, dessa forma, não se acredite proprietários de saberes incumbido apenas de transmiti-los, mas agente de estratégias de interação e de reflexão.

Igualmente, é de extrema importância que o professor esteja motivado para que esse sentimento seja transmitido aos alunos de forma a possibilitar que os mesmos façam parte, de forma direta e efetiva, do seu processo de aprendizagem e não sejam apenas receptores do saber.

Na relação professor e aluno é necessário que aconteça uma afetividade recíproca para que a troca de conhecimento aconteça com naturalidade. O professor precisa entender que o aluno é um indivíduo, e como tal, tem suas vivências, que podem e devem contribuir para seu processo de desenvolvimento. Por outro lado, é necessário que o aluno conceda um certo espaço para que o professor possa contribuir com sua formação.

Na construção do saber e nas relações escolares é essencial que se respeite e se valorize o conhecimento prévio do aluno, pois vivências, conhecimento e cultura são dimensões inerentes à criança, não podendo estarem dissociados do processo educacional. Dessa forma, é muito mais vantajoso construir conhecimentos a partir do já existente, pois a criança se sentirá mais confiante e terá mais motivação para participar dos momentos educativos.

A desvalorização dos saberes já presentes nas crianças torna o momento educativo estático e entediante, já que o aluno é considerado pelo professor apenas um *receptor* de conhecimentos, não participando ativamente do seu processo educativo e atuando como um *recipiente vazio*, disponível, para que se *despejem* os conteúdos. Nesse contexto, o professor que se posiciona de forma autoritária se considera o único detentor do conhecimento. Tal postura favorece o distanciamento do aluno, pois nessa ocasião não lhe transmite segurança, o que é extremamente prejudicial para o desenvolvimento da criança que apresenta uma autoestima negativa.

Por essas razões é essencial que exista na escola um ambiente interpessoal positivo que favoreça a interação entre a comunidade escolar e os alunos, evitando que os enfoques competitivos e individualistas, vistos hoje em muitas salas de aula, estejam presentes no ambiente escolar.

Quando estimuladas às situações competitivas, as crianças com o objetivo de vencer desenvolvem o individualismo excessivo e passam a não fazer questão de realizar atividades em grupos, realizando-as individualmente. Esse mecanismo de afastamento social poderá propiciar seu isolamento, contribuindo para seu distanciamento social na sala de aula, que é de extrema importância para melhorar a autoestima.

Em um ambiente escolar interativo também percebemos que as atividades educativas não são metódicas, mas sim prazerosas, os conteúdos estudados estão relacionados ao cotidiano dos alunos. Em espaços cooperativos e interativos, regras e normas são mais facilmente compreendidas e respeitadas pelos alunos, pois elas normalmente já fazem parte de sua construção. Ao proporcionar a interação, aproximam as crianças das normas sociais e contribuem para o desenvolvimento crítico e ético dos mesmos.

A relação entre escola e família também influencia na formação da autoestima e da personalidade da criança, pois são os primeiros e principais locais de referência para sua formação na descoberta de seu autoconceito. É principalmente nesses dois ambientes que a criança busca uma referência de imagem para imitação e formação da personalidade. É essencial que as relações interpessoais entre escola e família construam conceitos sociais parecidos, que as duas instituições caminhem com propostas de formação parecidas para que não aconteça uma inversão de valores morais e éticos, que poderia perturbar a construção de uma identidade positiva.

Quando os conceitos de mundo são passados para a criança de forma diferente pela escola e família, cria-se uma confusão para a mesma, dificultando a formação de seu autoconceito, pois o que é construído em um determinado momento pela família pode ser desconstruído em outro pela escola. Assim, a criança perde a referência para a construção do *eu*. Essas situações dificultam as

relações interpessoais, pois, com a sua base social confusa, têm dificuldades de se relacionarem, não existindo uma parceria. É o que observa Galvão (2002, p.54)

No momento seguinte predomina a atividade de imitação. A criança imita as pessoas que lhe atraem, incorporando suas atitudes e também o seu papel social, num movimento de reaproximação ao outro que tinha sido negado. É um processo necessário ao enriquecimento do eu e ao alargamento de suas possibilidades.

O desenvolvimento da autoestima é parte essencial na formação social e pessoal do indivíduo que coordena suas atitudes sociais e pessoais em sociedade. Alguns fatores contribuem para o desenvolvimento negativo da autoestima no ambiente educativo familiar.

A autoestima negativa poderá proporcionar uma série de problemas para as crianças no desenvolvimento cognitivo e emocional, pois uma criança com dificuldades de se relacionar com os colegas em sala prejudica a construção de seu conhecimento. Outro ponto destacado por essa dificuldade é que a criança se mantém isolada da turma, e sente receio de ser rotulada pela comunidade escolar.

A criança se posiciona dessa forma por se sentir inferior às outras pessoas. Esse sentimento de inferioridade conduz a não valorização de suas ações, fazendo grande esforço para não ser notada. Observa-se, igualmente, que crianças com baixa autoestima também não gostam de participar de atividades coletivas e costumam se manter isoladas da sua turma, também na hora do intervalo.

A escola e o professor têm um papel importante na formação do aluno, pois contribuem diretamente para o desenvolvimento da sua personalidade. Suas ações educativas podem influenciar de forma negativa ou positiva na construção da sua identidade. Um professor com práticas autoritárias, que se posiciona como o único detentor do saber e que não valoriza o conhecimento dos alunos ou não o estimula a pensar criticamente sobre o assunto, ou ainda supervaloriza os seus defeitos em detrimentos de suas qualidades, reprime suas ações e sentimentos e possibilita o desenvolvimento de uma autoestima negativa.

A dificuldade de interação que a criança desenvolve está diretamente ligada à sua autoestima, e o seu bom desenvolvimento pode significar para o aluno a valorização do seu eu, a autoestima da criança é uma das principais ferramentas para a construção de sua identidade.

Durante a fase de construção da identidade se observa que o outro é fundamental para que a criança o tenha como referência no contexto social. Para tanto, é interessante que a comunidade escolar especialmente os professores, valorizem suas qualidades, trabalhando para que elas

desenvolvam uma autoestima positiva, uma vez que com a valorização do *eu* elas terão mais facilidade de interagir socialmente.

O desenvolvimento infantil não depende apenas da criança, mas da participação do meio social em que está inserida e principalmente das pessoas que constituem esse ambiente. Nesse contexto, a escola se consolida como fundamental para a formação de sua identidade e autoestima.

Para a criança negra a dificuldade de interação tem se apresentado com mais intensidade. Essas aparecem agregadas ao preconceito e à discriminação racial, fatores que acentuam o medo do fracasso e da ridicularização pública, e ajudam no desenvolvimento da autoestima negativa. Outro fator a ser destacado é a dificuldade que elas têm de constituir uma identidade que valorize suas características pessoais e culturais.

O reconhecimento da identidade é essencial para o desenvolvimento da autoestima positiva, pois, através da mesma o indivíduo identifica sua posição histórica e social, desenvolvendo uma segurança maior em relação às suas características físicas. A autoestima propicia a aceitação e o entendimento de sua autoimagem. No momento em que o sujeito compreende o significado histórico-social das características em que está inserido, mais facilmente poderá se compreender e se valorizar.

O preconceito racial no ambiente escolar poderá prejudicar o desenvolvimento integral da criança, pois afetará a autoestima e a formação da identidade delas. Essas ações discriminatórias podem ser observadas tanto de forma explícita como, e principalmente, de forma velada, nas relações que matem com os adultos que a orientam e com seus pares.

A desvalorização da criança negra no ambiente escolar é vista com frequência, principalmente através de piadas relacionando o negro a algo desvalorizado e inferior. Essas atitudes ganham força com a omissão de quem deveria educá-la. Normalmente, as ações preconceituosas das crianças com seus pares não têm a atenção que deveria, pois os professores, muitas vezes, acreditam serem apenas brincadeiras de criança.

As agressões, xingamento e abusos são diversos, eles existem, na minha escola, na sua e em todos os lugares, não como muitos acreditam ser apenas coisas das crianças ou atitudes isoladas. As denúncias de atos indignos envolvem funcionários de escolas e docentes, são várias. Todas são tratadas com simplicidade e descaso. Primeiramente porque elas não são tidas como racismo e, mesmo quando são, têm o rótulo de “vamos esquecer, não vale a pena mexer nessas coisas.” (GOMES e CUNHA JUNIOR, 2008, p.231).

As ideologias, assim como a identidade da pessoa, são processos em construção e estão por isso em constante transformação. Por essa razão, as ações discriminatórias contra os indivíduos negros têm influência direta na construção de seus ideais e valores morais, atuando de forma



determinante na dificuldade de valorização de características inerentes ao negro pela própria pessoa negra, que se recusa a se ver em uma imagem que é construída socialmente como inferior e submissa.

## CONCLUSÃO

Podemos considerar, a partir do exposto, que a instituição escolar e, conseqüentemente, a educação brasileira se constituem esvaziadas de democracia. Não proporcionam que todos os estudantes tenham iguais condições de desenvolvimento. Esse ambiente democrático nunca existiu de fato na escola, pois as diferenças de tratamentos e a segregação vista entre as crianças de etnias diferentes são marcantes e tem a função de desconstruir os elementos culturais dos estudantes que não fazem parte da cultura mais valorizada.

O espaço escolar se mostra sufocante e agressivo para as crianças negras, pois busca o tempo todo a desvalorização cultural e étnica dos mesmos. Seja de forma aberta e transparente ou de forma velada, essas agressões são extremamente prejudiciais para a formação da pessoa negra como sujeito social.

A escola age de forma a negar os valores culturais do negro, desvalorizando e/ou dando pouca importância, aos elementos culturais brasileiros que estão relacionados ao negro de fato. Por outro lado, detalhes como a servidão e a escravização são constantemente lembrados e reafirmados pelas instituições escolares.

Essa desvalorização por parte da escola com a cultura negra abre precedente para a perseguição que as crianças negras sofrem cotidianamente nesses ambientes, onde além da perseguição e violência física, também observamos as agressões morais. Tais agressões são determinantes para a formação da identidade e valorização da autoimagem do estudante negro, elementos que são essenciais para a construção do conhecimento.

Entendemos que um ambiente escolar propício para uma boa formação e desenvolvimento da criança, precisa necessariamente apresentar elementos que ofereçam harmonia para o estudante, pois a exclusão e a desvalorização das características inerentes à criança poderão causar uma reclusão das emoções e expressões do aluno, fato que poderá despertar outros problemas emocionais e educacionais. Nesse contexto, observa-se que a prática do racismo no meio escolar prejudica a formação da identidade do sujeito negro, pois desmoraliza e desconstrói as características particulares e a cultura da pessoa.

As pressões e violências sofridas pelas crianças negras enquanto estudantes no ambiente escolar, em certo ponto as obrigam a desenvolverem diferentes formas de defesa e reação, que vão desde a readaptação nas relações com a comunidade escolar, até as agressões físicas.

Como forma de se defender das ações de discriminação que acontecem no espaço escolar os estudantes buscam uma adaptação ao ambiente. Essa se caracteriza por uma negociação subjetiva com a comunidade escolar. No entanto, nas trocas resultantes dessas negociações, os educandos negros acabam ficando numa relação de desvantagem e perdendo mais do que ganhando, já que, normalmente, eles precisam abrir mão de elementos culturais que auxiliariam na formação de sua identidade.

A busca da aceitação social e, principalmente, a fuga da discriminação, por muitas vezes fazem com que a criança negra, mesmo se reconhecendo no outro violentado, sujeite-se a fazer parte de tais agressões, só que na função de agressor, mesmo que isso seja uma outra forma de violência contra ela própria.

Nesses novos *acordos sociais* entre o estudante negro e a comunidade escolar em que ele está inserido, fica nítido que o objetivo é o embrutecimento da consciência do negro. Essas negociações de convivência são a consolidação da submissão da criança negra ao sistema que lhe nega o tempo todo e/ou a desistência da busca por mudanças.

Concebendo por outra perspectiva, também percebemos que a outra forma de reação à opressão que o sistema educacional imprime sobre os estudantes negros se revela através de comportamentos agressivos. Nesse caso, as crianças reagem às violências sofridas com agressões físicas ou verbais, inibindo até certo ponto as atitudes dos agressores.

Outra ponto a ser destacado é a dificuldade de interação com o meio que o estudante com agredido ou com baixa autoestima desenvolve. O medo exagerado do erro faz com que os alunos negros fiquem receosos de tentarem se relacionar com os colegas, ou de buscar desenvolver atividades educacionais. A consequência desse medo fica nítido que é a manutenção das dúvidas e as consequentes dificuldades na aprendizagem.

Deste modo, podemos perceber que a escola tem um papel fundamental na formação da identidade da criança negra, pois a partir das relações que se estabelecem no seu âmbito a criança poderá se enxergar de forma positiva ou negativa. Percebemos, também, que a forma como ela se vê é determinante para a construção do saber, já que quando a criança se observa de maneira negativa ela desenvolve uma dificuldade de se relacionar com ela, com o meio e com as outras pessoas, e o conhecimento só poderá ser construído a partir dessas relações.

A descoberta do *eu* do indivíduo negro está intimamente ligada à formação de sua identidade, ao modo como o sujeito se vê e se posiciona socialmente. A criança negra, por estar em formação, necessita de uma referência cultural que oriente a construção de sua identidade e de sua personalidade.

Nesse contexto, observamos que os ambientes escolares também colaboram para a manutenção do preconceito, pois ao invés de trabalhar para que as crianças desenvolvam o sentimento de respeito pelo outro, contribui para que outras gerações continuem a agredir e excluir as pessoas por motivos menores.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima:** A sala de aula como um espaço de crescimento integral, fascículo 16/Celso Antunes. Petrópolis, RJ: vozes, 2004.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.

GOMES, Ana Beatriz Sousa e CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Educação e afrodescendência no Brasil.** Fortaleza, CE: UFC, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis. Vozes, 2012.

OLIVEIRA, G. A. **Transmissão dos Sinais Emocionais Pelas Crianças.** In: SISTO, F.; MARTINELLI, S. Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Vetor, 2006. p. 78-80.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Tradução por Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.